



PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO II

EDUCAÇÃO FÍSICA

| PROVAS | QUESTÕES |
|--|----------|
| Língua Portuguesa | 01 a 10 |
| Conhecimentos Específicos sobre Educação | 11 a 25 |
| Conhecimentos Específicos | 26 a 50 |
| Redação | — |

SÓ ABRA QUANDO AUTORIZADO

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 50 questões da prova objetiva e a prova Redação.
3. Cada questão da prova objetiva apresenta 4 alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha no cartão-resposta com caneta esferográfica de tinta preta ou azul a letra correspondente à resposta assinalada na prova.
3. A folha de resposta da Redação deverá ser preenchida com caneta esferográfica de tinta preta ou azul. Redações a lápis não serão corrigidas e terão pontuação zero.
4. O cartão-resposta da prova objetiva e a folha de redação são personalizados e não haverá substituição, em caso de erro. Ao recebê-los, verifique se seus dados estão impressos corretamente; caso contrário, notifique ao aplicador de prova.
5. O tempo de duração das provas é de 5 horas, já incluídos as leitura dos avisos, a coleta da impressão digital, a marcação do cartão-respostas e o preenchimento da folha de redação.
7. AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E A FOLHA DE REDAÇÃO AO APLICADOR DE PROVA.

CONCURSO PÚBLICO

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia a charge para responder à questão 01.



— QUESTÃO 01 —

O efeito de humor, produzido na charge, deve-se à

- (A) interrogação, pela substituição de uma afirmação por uma pergunta.
- (B) contradição, pela oposição entre a situação do personagem e a pergunta.
- (C) exclamação, pela expressão de entusiasmo realçada pelo personagem.
- (D) prosopopéia, pela atribuição de uma qualidade humana ao calango.

Leia o texto seguinte para responder às questões de 02 a 05.

O pensador indiano Amartya Kumar Sen analisa a pobreza com base no desenvolvimento social e ético

A pobreza e a exclusão social são temas muitas vezes ausentes das discussões filosóficas. Parece que os pobres não constituem uma força positiva que atraia os filósofos. Mas é necessário discutir a pobreza? Será que pensamos profundamente sobre as causas, os conceitos e as soluções para esse problema? Ou o deixamos ao encargo do Estado e dos cientistas sociais?

Tradicionalmente, as teorias econômicas concebem a pobreza como sinônimo de insuficiência de renda, baseados num critério limitado, que abandona as características e circunstâncias dos indivíduos. Mas será possível uma orientação ético-filosófica para o tema? O pensador indiano Amartya Kumar Sen (1933 -), representante da economia filosófica, oferece-nos uma abordagem crítica às limitações da racionalidade econômica e nos incita a pensar eticamente a pobreza, abordando o tema com base em sua articulação com a idéia de desenvolvimento social e ético.

Kumar Sen elabora o conceito multidimensional de pobreza. Esse conceito não limita o debate à questão da distribuição de renda, mas amplia-o por meio da noção multidimensional de educação, participação social e política, segurança e liberdade, qualidade de ambiente, saúde, etc. Por meio dele, há a mudança de enfoque na problematização da pobreza.

O pensador indiano parte da reflexão sobre a fome para questionar a abordagem sustentada na renda como fundamento para o bem-estar dos indivíduos. Segundo ele, a capacidade de uma pessoa é o que permite, dentro de um conjunto de possibilidades, escolher qual, entre elas, lhe proporcionará melhor qualidade de vida. [...].

GOMES, J. de S. A identidade positiva dos excluídos. *Discutindo Filosofia*. Ano 1. n. 6. p. 20.

— QUESTÃO 02 —

Segundo o texto, a abordagem crítica do pensador indiano Amartya Kumar Sen está associada ao fato de ele

- (A) questionar a discussão que se limita a considerar a renda como o alicerce para o bem-estar dos indivíduos.
- (B) afirmar que a boa distribuição de renda dá liberdade ao pobre de escolher condições de superação de todos os problemas que o atingem.
- (C) admitir que ficam ao encargo do Estado e dos cientistas sociais as políticas de transferência de renda suficientes para a solução da pobreza.
- (D) considerar que os pobres são capazes de romper com as barreiras da exclusão por participarem socialmente do Poder Público.

— QUESTÃO 03 —

Em relação ao texto, pode-se concluir que

- (A) a eficiência de medidas assistenciais provoca a discussão sobre a pobreza e a exclusão social em outras bases de reflexão.
- (B) uma noção multidimensional de pobreza levaria à conclusão de que a solução do problema está na distribuição eficiente de renda.
- (C) as teorias econômicas, por se firmarem num critério limitado, podem ser questionadas quanto à sua concepção de pobreza.
- (D) a qualidade de vida e o bem-estar dos indivíduos dependem da distribuição de renda e da racionalidade econômica.

— QUESTÃO 04 —

Na argumentação que desenvolve em seu texto, a autora vale-se

- (A) do pressuposto de que o Estado e os cientistas sociais são suficientes para a discussão da exclusão social.
- (B) da conclusão de que apenas a transferência de renda é a medida suficiente para a superação da pobreza.
- (C) do discurso autorizado que permite a sustentação do ponto de vista que ela defende sobre a discussão da pobreza.
- (D) do subentendido de que já se discutem medidas assistenciais suficientes para a inclusão social da pobreza.

— QUESTÃO 05 —

“Mas será possível uma orientação ético-filosófica para o tema?”

Essa pergunta presente no segundo parágrafo do texto,

- (A) suscita a impossibilidade de se discutirem a pobreza e a exclusão social no plano filosófico.
- (B) confirma a possibilidade de se discutirem a pobreza e a exclusão social no plano ético-filosófico.
- (C) defende o fato de ser encargo do Estado e dos cientistas sociais a discussão sobre a pobreza.
- (D) ratifica que já se pensou profundamente sobre as causas da exclusão social e soluções para esse problema.

Leia o texto para responder às questões de 06 a 08.

Uma ode à diversidade lingüística. Revolução da linguagem decorrente do advento da internet é tema de livro de pesquisador britânico

– Qual a boa do fds?! Ou ainda: – Vc tah afim de fzer alguma coisa hj? O leitor habituado com a internet certamente não estranhou as sentenças acima, tampouco deixou de entendê-las. O que soa muito natural para muitos internautas é, para o lingüista britânico David Crystal, uma manifestação da revolução da linguagem que o mundo atravessa neste início do século 21.

A emergência do inglês como a primeira língua internacional do mundo, falada por um número de pessoas sem precedente em toda a história, é o ponto de partida da argumentação de Crystal. Mais importante que isso: o número de falantes não-nativos do inglês já supera – e muito – o de nativos. Novas palavras e expressões gramaticais enriquecem e pluralizam a língua de Shakespeare. As mudanças são inevitáveis.

A morte das línguas, decorrente dessa supremacia do inglês, é a maior preocupação de Crystal. O autor, conhecido como um ativista pela diversidade lingüística, alerta para um cenário preocupante: a cada duas semanas, morre uma língua no mundo. Para lutar contra esse perigoso fluxo, o autor tem um plano e pretende conquistar adeptos: quer que o tema seja abordado na mídia, nas escolas primárias, nas artes plásticas, na música, na literatura. Quer um prêmio – uma espécie de Nobel da lingüística – para os militantes em prol da diversidade das línguas. Quer gritar ao mundo inteiro: os pandas precisam de nossa ajuda, mas as línguas também – vamos salvá-las da extinção!

Para Crystal, a língua na era da internet é o sinal mais claro de que a situação lingüística atual é revolucionária, sem medo da grandiosidade da palavra. A rede mundial de computadores inaugurou uma forma de comunicação singular, a meio caminho entre o oral e o escrito. O discurso da internet (o *netspeak*) afetou mais os processos comunicativos do que qualquer outra inovação tecnológica na história desde a invenção da escrita. E nada mais natural do que criar novos códigos compartilhados entre seus usuários – por isso Crystal rebate qualquer argumento purista de que as recorrentes abreviações e neologismos em *chats* e *e-mails* sejam prejudiciais às línguas.

MATOS, R. M., *Ciência Hoje On-line*, 09/05/2006.

— QUESTÃO 06

Com base nos argumentos que desenvolve em seu texto, o autor se vale do seguinte procedimento:

- (A) afirma que a linguagem, pela sua variedade, não constitui motivo de preocupação para os ambientalistas.
- (B) considera o inglês, por ser uma língua franca, como responsável pela existência de diferentes línguas.
- (C) não aceita as diferentes manifestações da linguagem que circulam no mundo neste início de século.
- (D) admite que a Internet, pela sua autonomia lingüística, materializa novos códigos que não prejudicam a língua.

— QUESTÃO 07

A preocupação de Crystal com a preservação das línguas, identifica-se com o fato de

- (A) a dependência do leitor em relação à Internet ser confirmada pela falta de entendimento de novas palavras.
- (B) o número de falantes não-nativos do inglês pouco contribuir para as mudanças e a diversidade lingüística.
- (C) a morte de uma língua tornar-se inevitável com o advento da Internet e de novas palavras.
- (D) a supremacia do inglês constituir uma ameaça e a possível dizimação de outras línguas.

— QUESTÃO 08

A expressão “a língua de Shakespeare” (2º parágrafo) permite ao leitor identificar a figura

- (A) ironia, pela intenção em desprezar a língua inglesa.
- (B) comparação, pelo confronto entre a língua inglesa e a língua de Shakespeare.
- (C) metonímia, pela contigüidade do sentido entre a língua inglesa e Shakespeare.
- (D) catacrese, pela contradição entre a língua de Shakespeare e a língua inglesa.

Leia a tira abaixo para responder às questões 9 e 10.

ANRÉLIO CARRANCA, O ÚLTIMO TORTURADOR BRASILEIRO



LUCCA, G. de. *Revista Cult*. São Paulo, Ano 10, n.115. 2007. p. 64.

— QUESTÃO 9

O autor da tira utiliza em seu texto a ironia construída

- (A) pela atribuição de um caráter autoritário ao discurso lúdico.
- (B) pelo deslocamento do discurso artístico às práticas dos comunistas.
- (C) pela aproximação do discurso autoritário com o discurso estudantil.
- (D) pela comparação da atitude autoritária dos presidentes com o discurso liberal.

— QUESTÃO 10 _____

Pela leitura da tira, é possível interpretar que a música sertaneja

- (A) elimina a repressão por meio de temas que pregam a liberdade de expressão.
- (B) conquista um grande público que a escolhe de forma espontânea.
- (C) incomoda as pessoas da elite por defender a igualdade social.
- (D) assegura a continuação das práticas de tortura após a queda do regime autoritário.

— RASCUNHO _____**— RASCUNHO** _____

CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO**— QUESTÃO 11 —**

Dentre as mudanças apresentadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, inclui-se a possibilidade de organizar a educação básica em ciclos. Essa organização visa à

- (A) mudança no perfil profissional e na qualificação do professor da escola básica.
- (B) minimizar o impacto dos índices de retenção e evasão escolar e promover a adequação idade/escolaridade no ensino fundamental.
- (C) favorecer a descontinuidade da política educacional.
- (D) propiciar a contratação temporária e a rotatividade de professores.

— QUESTÃO 12 —

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, que colocou a educação infantil como etapa inicial da educação básica, provoca mudanças no imaginário social sobre a educação da criança pequena. Com essa Lei,

- (A) a educação infantil passa a ser ministrada em instituições vinculadas a órgãos de assistência social.
- (B) o trabalho com a criança de educação infantil passa a ser exercido por profissionais da área de saúde.
- (C) a criança de 0 a 6 anos passa a ser considerada como sujeito de direitos e sua educação integra-se aos sistemas de ensino.
- (D) a educação infantil passa a ter uma única forma de organização e prática pedagógica, abrangendo o atendimento de crianças de 0 a 8 anos.

— QUESTÃO 13 —

Entre as implicações positivas da organização dos processos educativos por ciclos, destaca-se a

- (A) necessidade de repensar o sentido da escola, das práticas avaliativas, dos conteúdos curriculares, do trabalho pedagógico e da própria organização escolar.
- (B) ênfase no trabalho individual desenvolvido pelos professores técnicos, gestores e alunos.
- (C) adoção de projetos políticos pedagógicos que priorizem o desenvolvimento individual do aluno e o processo educativo voltado para a competência.
- (D) manutenção das concepções e práticas consolidadas por resultados positivos comprovados em pesquisas e avaliações por amostra.

— QUESTÃO 14 —

Segundo Arroyo (1999), a organização do trabalho em ciclos de desenvolvimento humano leva ao questionamento e à superação de concepções e práticas de formação e qualificação de profissionais da educação, o que provoca mudanças no processo formador. Conforme o autor, isso significa que

- (A) a qualificação dos professores coloca-se como uma pré-condição à implantação das mudanças na escola.
- (B) a introdução de uma nova prática, um novo currículo, uma nova metodologia ou uma nova organização escolar dispensa a capacitação prévia dos professores.
- (C) o questionamento acerca do processo de formação pode ser um tempo de qualificação para os professores, pois é na ação que se criam novas formas de atuação.
- (D) a organização dos ciclos pressupõe a separação dos que planejam as ações daqueles que realizam a intervenção na escola.

— QUESTÃO 15 —

Arroyo (1999) e Krug (2001) apontam como critério necessário para a organização das turmas de alunos na escola de Ciclos de Formação:

- (A) os conhecimentos anteriormente adquiridos pelos discentes.
- (B) as idades cronológicas do alunado.
- (C) as avaliações discentes dos anos anteriores.
- (D) as capacidades cognitivas dos alunos.

— QUESTÃO 16 —

No Brasil, durante o século XIX e início do século XX, quando a base econômica estava passando do modelo agrícola para o modelo industrial, as escolas eram fundamentais para a criação de uma força de trabalho alfabetizada e disciplinada. Nesse contexto, em relação aos alunos com deficiência, os professores acreditavam que

- (A) uma eficaz intervenção pedagógica resultaria na possibilidade de os alunos com deficiência contribuírem com a aprendizagem de seus pares, promovendo a igualdade.
- (B) os sistemas e os ambientes educacionais estavam preparados para atender a todos os alunos com e sem deficiência.
- (C) os alunos portadores de deficiência adaptavam-se com facilidade aos programas existentes.
- (D) os alunos portadores de deficiência eram desprovidos de habilidades para enfrentar as exigências acadêmicas, prejudicando a aprendizagem dos colegas e exercendo influência moral subversiva.

— QUESTÃO 17 —

A educação é uma questão de direitos humanos. Os indivíduos com deficiência devem fazer parte das escolas, e estas modificarem seu funcionamento para incluir todos os alunos (Conferência Mundial de 1994, UNESCO). Esse entendimento leva a concluir que, quando existem programas adequados, a inclusão beneficia os alunos com e sem deficiência, porque

- (A) as pessoas portadoras de deficiência não desenvolvem habilidades acadêmicas, mas têm oportunidade de se relacionar com as demais.
- (B) o desenvolvimento de atitudes positivas, de habilidades acadêmicas e sociais possibilitado por tais programas, preparam os alunos para a vida em comunidade.
- (C) a aprendizagem em ambiente integrado oculta diferenças e facilita a cooperação.
- (D) a existência de uma atmosfera de discriminação das diferenças favorece a interação.

— QUESTÃO 18 —

A educação inclusiva tem sido objeto de polêmica no meio educacional. A diversidade na escola impulsiona os professores a depararem com sua própria diversidade étnica, cultural, social. Diante dessa realidade,

- (A) os cursos de formação de professores definem seus currículos com base no diagnóstico da realidade da escola, na diversidade humana e em suas repercussões desta aprendizagem.
- (B) os professores que atuam nas escolas, hoje, encaram a diversidade dos alunos como um fato e não como um problema.
- (C) os cursos de formação de professores carecem de uma abordagem multi e intercultural, que leve em conta a diversidade humana, já que os professores trabalharão também com alunos que são diferentes.
- (D) os programas de formação de professores já estão voltados à preparação de docentes para atuar considerando o conhecimento sociocultural e o desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente.

— QUESTÃO 19 —

A avaliação da aprendizagem faz parte do processo de formação do estudante, uma vez que possibilita diagnosticar questões relevantes, aferir os resultados alcançados, em relação aos objetivos propostos e, ainda, identificar mudanças de percurso eventualmente necessárias. Segundo esse entendimento, a avaliação da aprendizagem

- (A) é a reflexão permanente do educador sobre sua realidade e o acompanhamento do educando na sua trajetória de construção do conhecimento, incitando-o para novas questões e possibilidades.
- (B) expressa em seus princípios a ação classificatória, pontual, burocrática e autoritária e corresponde a uma etapa do planejamento.

- (C) caracteriza-se como julgamento de resultados e atribuição de notas e conceitos, tendo em vista a classificação dos estudantes.
- (D) é uma prática que consiste em registro de resultados acerca do desempenho dos alunos em determinado período do ano letivo.

— QUESTÃO 20 —

A avaliação deve ser realizada mediante critérios explícitos e compartilhados com os alunos, uma vez que o objeto de avaliação representa uma referência importante para quem é avaliado tanto para a orientação dos estudos como para a identificação dos aspectos considerados mais relevantes para a formação. Conforme esse entendimento, a avaliação

- (A) visa a comparar, de modo asséptico, resultados alcançados com os objetivos preestabelecidos.
- (B) é um processo que possibilita diagnosticar, ver, analisar e agir num ciclo ininterrupto.
- (C) é um processo técnico, desvinculado de valores e princípios.
- (D) possui caráter de mensuração, classificação e exclusão.

— QUESTÃO 21 —

A democratização da educação com qualidade social é um amplo e complexo processo, no qual a equipe diretiva (direção, vice-direção, coordenação) exerce um importante papel na criação de um clima organizacional favorável. Assim a equipe diretiva responsabiliza-se

- (A) por garantir a autoridade e o desenvolvimento das ações que efetivem as decisões tomadas.
- (B) por desenvolver de forma espontânea o atendimento às demandas que surgem no interior da escola.
- (C) por propor o debate, mediar o confronto de idéias, instigar a cooperação e a tomada de decisões coletivas.
- (D) por implementar as políticas governamentais e realizar a avaliação classificatória dos professores e técnico-administrativos.

— RASCUNHO —

— QUESTÃO 22 —

Na atualidade, o trabalho conjunto e integrado de administradores, educadores e outros profissionais torna-se uma exigência, dada a natureza multirreferencial da educação. O tipo de planejamento administrativo que atende a essa exigência é

- (A) o gerenciamento da qualidade total, de caráter conservador, voltado para o aperfeiçoamento do processo de produção industrial, fundado na premissa de que o mundo é um processo econômico, que requer competitividade, e esta só será eficiente no campo da qualidade.
- (B) o planejamento participativo, cujo fundamento é a consciência, a intencionalidade e a participação coletiva. Seu objetivo é a transformação das relações de poder autoritárias e verticais em relações igualitárias e horizontais, de caráter dialógico e democrático.
- (C) o planejamento estratégico, de caráter gerencial, vinculado à administração de empresas, busca a otimização de resultados no enfrentamento de ameaças, utiliza-se da flexibilidade para a adaptação às mudanças, contempla a qualidade e a participação.
- (D) o planejamento instrumental, de caráter cartesiano e positivista, simboliza a grande solução para os problemas de falta de produtividade da educação escolar, desconsiderando os fatores sociopolítico e econômico em nome de sua neutralidade, normatividade e universalidade.

— QUESTÃO 23 —

Na educação, realiza-se o planejamento em diferentes níveis de abrangência, desde aqueles que refletem as políticas educacionais, perpassando pelos projetos institucionais, pelos projetos político-pedagógicos da escola, até os projetos de ensino-aprendizagem. Há, portanto, uma relação intrínseca entre gestão educacional e projeto político-pedagógico, entendendo-se que aquela só tem sentido quando referida a um projeto. Assim, na unidade escolar, o projeto político-pedagógico cumpre a seguinte finalidade:

- (A) gerar um tipo de saber que atenda às exigências legais e aos trâmites oficiais, enrijecendo, todavia, a ação educativa.
- (B) registrar os aspectos didáticos que orientam a definição dos objetivos referentes à cognição, podendo ser subdivididos em plano de curso, plano de unidade e plano de aula.
- (C) direcionar a prática individual dos educadores para solução de problemas relativos à disciplina escolar.
- (D) definir os princípios, os fundamentos, as condições e os procedimentos para formação do aluno, envolvendo as dimensões pedagógica, comunitária e administrativa da escola.

— QUESTÃO 24 —

Ao contrário do que eram considerados no passado, as crianças e os adolescentes mostram-se como seres que pensam, têm sentimentos, emoções e, portanto, são participantes ativos do mundo e requerem uma educação que respeite suas individualidades e formas de aprender. Desse modo, o papel da educação básica é

- (A) possibilitar o desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo, social e cultural da criança e do adolescente, favorecendo a construção da identidade e da autonomia e o exercício da cidadania.
- (B) prover a guarda, a proteção da criança e adolescente e a assistência a estes, de modo a favorecer aprendizagens para uma atuação crítica na sociedade.
- (C) promover a aprendizagem de habilidades referentes ao exercício profissional e preparar a criança para o ingresso no mundo do trabalho.
- (D) propiciar à criança e ao adolescente a formação necessária ao desenvolvimento de atividades profissionais em diversos setores produtivos.

— QUESTÃO 25 —

A educação de jovens e adultos visa a dar oportunidades educacionais aos brasileiros que não tiveram acesso ao ensino fundamental e ensino médio na idade própria. Nesse sentido,

- (A) os sistemas de ensino asseguram aos jovens e adultos aprendizagens significativas, que levam em consideração seus interesses, condições de vida e de trabalho.
- (B) os professores que se dedicam ao trabalho com jovens e adultos recebem formação específica em todos os cursos de licenciatura, que os tornam capazes de fazer adaptações e ressignificações dos currículos e das práticas de ensino.
- (C) os jovens e adultos dispensam a necessidade de pensar a especificidade desse tipo de ensino e de superar a prática de trabalhar com eles da mesma forma que se trabalha com os alunos do ensino fundamental ou médio regular.
- (D) os jovens e adultos, por estarem em outros estágios de vida, têm experiências, expectativas, condições sociais e psicológicas que os distanciam do mundo infantil e adolescente e carecem de metodologias próprias.

— RASCUNHO —

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS**— QUESTÃO 26**

Ao longo da história da educação corporal, na escola, paradoxalmente o que se constata é um contínuo esforço de negação do corpo. Segundo Oliveira (2006, p.58) na obra “Educação do Corpo na Escola Brasileira” esta negação é fomentada por

- (A) um código coercitivo de punições.
- (B) um mecanismo de controle da sexualidade.
- (C) uma preocupação com o controle da natalidade.
- (D) uma visão eugênica de corpo.

— QUESTÃO 27

Os problemas sociais relacionados ao uso de drogas, a violência, os preconceitos, a padronização da estética corporal, as discriminações de várias ordens, inclusive corporais, adentram e interpenetram a cultura da escola, produzindo interferências profundas nas manifestações corporais dos alunos e de todos os sujeitos que compõem a comunidade escolar. Segundo Taborada de Oliveira (2006, p.197), essas manifestações constituem-se de

- (A) códigos simbólicos por meio dos quais os indivíduos interagem com os outros e seu meio sociocultural, produzindo comunicações gestuais, posturas, olhares e atitudes.
- (B) instrumentos repressivos que levam os indivíduos a abdicarem de sua natureza autônoma e da liberdade.
- (C) códigos lingüísticos que possibilitam aos indivíduos manifestarem corporalmente de forma livre, tanto na escola como na comunidade.
- (D) normas repressivas por meio das quais indivíduos se ajustam aos seus pares dentro e fora da comunidade escolar.

— QUESTÃO 28

Para João Batista Freire (2002), o Jogo está na raiz do desenvolvimento mais importante e precioso do atributo humano, fonte geradora de toda cultura humana. O atributo apontado pelo autor refere-se às representações

- (A) biológicas.
- (B) mentais.
- (C) motoras.
- (D) biomecânicas.

— QUESTÃO 29

Dentre as diferentes perspectivas metodológicas para a educação física escolar, a Ginástica Geral vem sendo apontada como um dos conteúdos relevantes a serem ensinados na escola. Para Marcassa (2004, p.177), a Ginástica Geral, além do diálogo que estabelece com outras práticas da cultura corporal, possui uma

- (A) linguagem em que predomina os traços de uma atividade voltada para o espetáculo esportivo.
- (B) simbologia em que predominam os exercícios direcionados para a saúde do aluno.

- (C) narrativa própria constituída pelos signos e características internas responsáveis pela materialização de sua linguagem.
- (D) expressão comunicativa derivada, fundamentalmente, da ginástica de aparelhos.

— QUESTÃO 30

Para Vago *et al.* (2002, p.94), ao mesmo tempo em que a Educação Física é construída na escola, ela é também, construtora da cultura escolar. Essa forma de pensar exige dos professores, além do seu envolvimento com o Projeto Político-Pedagógico, uma postura centrada no

- (A) método de ensino que focaliza e reforça a dimensão reprodutivista dos conteúdos esportivos.
- (B) diálogo crítico com a realidade social e com os alunos, em observância às necessidades e interesses destes e atenção à dimensão cultural das práticas corporais de movimento.
- (C) desenvolvimento de programas ligados ao esporte escolar determinados por organismos externos e diferenciados da proposta de educação corporal de movimentos.
- (D) ato pedagógico, estimulados pelo modelo competitivo, enraizado nos valores esportivos de rendimento.

— QUESTÃO 31

A fragmentação e a hierarquização dos saberes escolares reduzem o fazer pedagógico da educação física a um lugar eminentemente prático. Diante desse contexto, Vago *et al.* (2002, p.98) afirmam que o movimentar-se humano passa a ser tratado apenas como

- (A) movimento contextualizado.
- (B) movimento complexo e significativo.
- (C) gestualidade comunicativa.
- (D) ato motor desculturalizado.

— QUESTÃO 32

Jocimar Daólio introduz o referencial da cultura como a principal categoria para se discutir e compreender a educação física escolar. Em seu artigo “A Educação Física Escolar como Prática Cultural: Tensões e Riscos” (Pensar a Prática v. 8, 2005) afirma que existem três problemáticas ou tensões que estimulam o debate na Educação Física Escolar hoje, quais sejam:

- (A) eficácia simbólica; unidade e diversidade; o “outro” na relação pedagógica.
- (B) eficiência técnica do gesto motor; habilidades e domínios; aprendizagem de movimentos.
- (C) eficácia motora; desenvolvimento técnico; resultado esportivo.
- (D) eficiência simbólica; pluralidade cultural; movimento humano.

— QUESTÃO 33

“Com a intenção de esclarecer as razões e as necessidades de introduzir, na escola, uma nova forma de tematizar o ensino, neste caso, o ensino do movimento humano, em especial, os esportes. E, como a ênfase maior, especialmente na apresentação dos exemplos práticos, é dada ao ensino dos esportes no contexto escolar, é oportuno incluir uma crítica do ponto de vista humano e pedagógico sobre os principais problemas que envolvem o esporte de alta competição, ou de rendimento, atualmente.” (KUNZ, 1994, p.13).

O autor defende o ensino da Educação Física escolar na abordagem

- (A) Crítico-superadora.
- (B) Crítico-emancipatória.
- (C) Histórico-crítica.
- (D) Sócio-interacionista.

— QUESTÃO 34

Para desmistificar a imagem da dança apenas como elemento/espetáculo folclórico, normalmente de caráter contemplativo na escola, Brasileiro (Pensar a Prática, vol. 6, 2002/2003, p.55) afirma que seria importante “passar a entendê-la como conhecimento significativo para as nossas ações corpóreas, que podem ser exploradas pelo universo de repertórios popular, folclórico, clássico, contemporâneo, etc., bem como pela improvisação e pela composição coreográfica”. Nessa perspectiva, a dança é compreendida como forma de linguagem que

- (A) prioriza a representação da cultura erudita.
- (B) expressa a beleza estética e desenvolve a flexibilidade.
- (C) expressa e representa a diversidade da vida.
- (D) valoriza o controle corporal e a aptidão física.

— QUESTÃO 35

O ensino do esporte não precisa ser tematizado objetivando o rendimento esportivo, mas ter em vista “o desenvolvimento do aluno em relação a determinadas competências imprescindíveis na formação de sujeitos livres e emancipados.” (KUNZ, 1994, p. 28). O autor indica que o ensino do esporte nas aulas de educação física deve desenvolver competências que vão além da prática do esporte, quais sejam:

- (A) heteronomia, individualismo e competência formal.
- (B) instrumentalização, especialização e lateralização.
- (C) autonomia, interação social e competência objetiva.
- (D) memorização, esquema corporal e coordenação motora.

— QUESTÃO 36

Santos e Figueiredo (Pensar a Prática, vol. 6, 2002/2003) discutem possibilidades de estabelecer o diálogo entre a dança e a inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais no contexto escolar: “devemos ter como prioridade os processos pedagógicos, em que o processo e o produto são fundamentais para se compreender a importância de uma prática que respeite o corpo e a liberdade de expressão dos alunos.” Nesse sentido, a metodologia pode propiciar a

- (A) aceitação, a valorização e a experiência de que um corpo perfeito dança melhor.
- (B) vivência, a reprodução e a imitação de padrões dominantes de estética corporal na dança.
- (C) vivência, a criação e o treino de danças com vistas a promover espetáculos eventuais da agenda escolar.
- (D) aceitação, a valorização e a experiência de que diferentes corpos criam diferentes danças.

— QUESTÃO 37

Na obra “Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física”, Duckur (2004) discute as relações entre infância, jogo e brincadeira para o ensino da educação física na escola. Para ela, “É na cultura da infância que o jogo, o brinquedo e a brincadeira surgem como dinâmicas essenciais ao desenvolvimento e à aprendizagem da criança.”(p.45) Nessa perspectiva, a cultura infantil deve ser considerada:

- (A) um campo do qual emergirão os conteúdos para o ensino da educação física escolar.
- (B) um território da indústria cultural cujo conteúdo é prejudicial ao ensino da educação física.
- (C) um campo acadêmico e profissional para a recreação das crianças na pré-escola.
- (D) uma área do conhecimento humano que estuda o desenvolvimento psicomotor da criança.

— QUESTÃO 38

Para Sousa Júnior (Pensar a Prática, vol. 4, 2000/2001, p.22) “a relação que se estabelece entre as aulas de educação física e o esporte olímpico configura a retomada de um pensamento que procura colocar as aulas de Educação Física à disposição do sistema esportivo nacional”.

Para contrapor esta perspectiva, o autor afirma que a Educação Física na escola deve oportunizar aos alunos a

- (A) realização de brincadeiras para exercitar e extravasar as energias acumuladas.
- (B) iniciação ao treinamento esportivo para identificação do talento esportivo na escola.
- (C) experimentação corporal, a compreensão conceitual e a reflexão crítica acerca do esporte.
- (D) aprendizagem e o desenvolvimento de padrões de movimento ligados ao gesto técnico esportivo.

— QUESTÃO 39

De acordo com Kunz (1994, p. 22), o sentido do esporte de rendimento baseado nos princípios da sobrepujança e das comparações objetivas gera processos de seleção, especialização e instrumentalização levando à realização de movimentos cada vez mais normatizados e padronizados. Para o autor, esse tipo de prática impede que outros horizontes de movimentos possam ser realizados, coibindo, inclusive, a

- (A) participação mais subjetiva dos indivíduos nas práticas do esporte.
- (B) participação racional e direta em atividades esportivas predeterminadas para a aula.
- (C) antecipação do treinamento e uma maior especialização da prática do esporte.
- (D) ação diretiva da aula destinada à preparação e ao rendimento esportivo.

— QUESTÃO 40

Ao tratar dos procedimentos metodológicos para o ensino do esporte nas aulas de educação física, Duckur (2004, p. 96) afirma ser possível introduzir junto aos alunos discussões “acerca das relações esporte-sociedade na perspectiva de construir a noção de que assim como no esporte, a sociedade também vive um constante processo de mudanças e cada indivíduo tem o direito de participar do processo de movimento da sociedade.” Essa postura pedagógica está relacionada à concepção

- (A) psicológica do esporte enquanto lazer cultural.
- (B) histórica do esporte enquanto conteúdo da cultura corporal.
- (C) biomecânica do esporte como objeto de estudo das ciências do esporte.
- (D) técnico-tática do esporte como aspecto determinante no ensino da educação física.

— QUESTÃO 41

Na obra “Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola” Caparroz (1997) demonstra que a produção teórica da educação física escolar na década de 1980 já denunciava o caráter instrumental e o aprisionamento da Educação Física às determinações sociais, políticas e econômicas que serviam ao ideário dominante. Para o autor, que instituições exerceram forte influência ao longo da trajetória histórica da Educação Física?

- (A) Instituição religiosa, educacional e militar.
- (B) Instituição militar, médica e desportiva.
- (C) Instituição não-governamental, médica e desportiva.
- (D) Instituição estatal, científica e artística.

— QUESTÃO 42

Segundo a obra “Metodologia de Ensino da Educação Física” (Coletivo de Autores, 1992, p. 61), a Educação Física é “uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal”. Sua configuração dar-se-á por temas ou formas de atividades corporais, como: jogo, esporte, ginásticas, dança, entre outras que constituirão seu conteúdo. Nessa perspectiva, o objeto de estudo da Educação Física é a

- (A) aprendizagem e o desenvolvimento motor.
- (B) psicomotricidade como expressão da cultura.
- (C) aptidão física como linguagem e expressão.
- (D) expressão corporal como linguagem.

— QUESTÃO 43

Para Soares (2001, p.113), “A Ginástica, compreendida como síntese do pensamento científico, foi afirmada ao longo de todo o século XIX no Ocidente europeu como parte integrante dos novos códigos de civilidade”. Contudo, além dos conhecimentos provenientes da anatomia, mecânica e fisiologia, há outros saberes que também serviram de base para a ginástica científica e que foram apagados de seus registros, quais sejam:

- (A) saberes populares procedentes dos artistas de rua, acrobatas e funâmbulos.
- (B) saberes eruditos decorrentes da tradição dos artistas do balé clássico e folcloristas.
- (C) saberes corporais vinculados aos exercícios militares e aos atletas olímpicos.
- (D) saberes pedagógicos desenvolvidos pelos técnicos esportivos, cientistas e educadores.

— QUESTÃO 44

A abordagem denominada Crítico-Superadora, construída por um coletivo de professores no ano de 1992, procurou dar um passo decisivo nas mudanças da Educação Física escolar. Defendendo a ideia de ciclos de escolarização para a Educação Física na educação básica, esta abordagem sugere o seguinte ordenamento:

- (A) Ciclo de iniciação à sistematização dos dados da realidade, ciclo de organização metodológica, ciclo de ampliação dos saberes e ciclo de aprofundamento.
- (B) Ciclo de aproximação do conhecimento histórico, ciclo de sistematização dos dados, ciclo de sistematização dos conhecimentos válidos e ciclo de aprofundamento.
- (C) Ciclo de organização da identidade dos dados da realidade, ciclo de aprendizagem social, ciclo de desenvolvimento e ciclo de aprofundamento e reflexão da cultura corporal.
- (D) Ciclo de organização da identidade dos dados da realidade; ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento; ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento e ciclo de aprofundamento da sistematização do conhecimento.

— QUESTÃO 45

Um programa de Educação Física escolar que orienta as aulas por meio de tematizações objetiva levar o aluno a tomar contato com diferentes realidades, tanto da cultura escolar como da realidade social, no sentido de apreender, criar e recriar conhecimentos que tenham significados para sua vida pessoal e coletiva. Nesse processo de tematização, o professor precisa

- (A) conhecer o assunto, desenvolver estratégias mediadoras, estabelecer relações entre a atualidade do saber e sua gênese histórica e ter claro que a organização em ciclos possui níveis de complexidade.
- (B) dominar o saber da tradição, centralizar as atividades sob seu comando, selecionar os conteúdos levando em conta os pré-requisitos e avaliar os resultados das turmas.
- (C) definir os conteúdos antecipadamente, implementar técnicas de ensino, estabelecer controle da aprendizagem e da avaliação dos alunos.
- (D) mediar as relações entre os alunos, definir os conteúdos com base nos interesses dos alunos, observar a aprendizagem e avaliar os saberes segundo o processo de auto-avaliação dos alunos.

— QUESTÃO 46

Os procedimentos didático-metodológicos da abordagem crítico-superadora (Coletivo de Autores, 1992) envolvem quatro diferentes elementos, quais sejam:

- (A) demonstração, experimentação, repetição e memorização.
- (B) criatividade, intencionalidade, tematização e ludicidade.
- (C) seqüência pedagógica, ação pré-desportiva, experimentação e relaxamento final.
- (D) aquecimento, parte principal, volta à calma e avaliação.

— QUESTÃO 47

A avaliação educacional sempre foi alvo de polêmicas dentro e fora do ambiente escolar e cada vez mais se constata o quanto ela é complexa. No caso da Educação Física, Lino Castellani (1998, p. 63), procurando superar os parâmetros da aptidão física, sugere ao professor a adoção de um modelo de avaliação que se baseia em dois níveis:

- (A) acervo corporal do aluno e grau de especialização desportiva decorrente do domínio motor de cada um.
- (B) domínio da aprendizagem dos movimentos adquiridos pelos alunos e sua aplicação nas tarefas motoras básicas.
- (C) grau de acervo corporal do aluno e grau de apreensão por este do significado histórico-social dos elementos da cultura corporal.
- (D) totalidade do ato motor e desenvolvimento das práticas por parte do aluno.

— QUESTÃO 48

“Quando a criança joga, ela opera com o significado das suas ações, o que a faz desenvolver sua vontade e ao mesmo tempo tornar-se consciente das suas escolhas e decisões” (Coletivo de Autores, 1992, p. 66). Nesse sentido, o jogo pode contribuir com os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança no que se refere à

- (A) mudança das necessidades e da consciência, à atenção e regulação da própria atividade.
- (B) formação de esquemas motores e psicossociais com vistas à iniciação ao esporte.
- (C) formação de esquemas cognitivos com vistas à memorização e ao domínio do gesto técnico.
- (D) mudança de habilidades, condutas e aos domínios motrizes.

— QUESTÃO 49

Para Soares (2001), a Educação Física desde o século XIX vem colocando o corpo como um emblema da cultura da aparência, como santuário do músculo, com a formação de uma estética da retidão ligada à ordem e à disciplina. A autora relaciona a essa questão dois temas que continuam presentes, até hoje, na composição do projeto estético da aparência, a saber:

- (A) militarismo e tecnicismo.
- (B) humanismo e racismo.
- (C) higienismo e eugenismo.
- (D) corpolatria e aptidão física.

— QUESTÃO 50

Na perspectiva pedagógica da abordagem crítico-superadora, a composição de um programa de educação física escolar deve relacionar os temas da cultura corporal aos grandes problemas sociopolíticos atuais, dentre os quais a ecologia, o gênero, a saúde pública, as relações sociais do trabalho, os preconceitos, a etnia, a deficiência, a velhice, a distribuição do solo urbano e da renda, a dívida externa, entre outros. (Coletivo de Autores, 1992, p. 63). Essa seleção e organização de conteúdos têm como objetivo possibilitar ao aluno

- (A) realizar aulas teóricas em detrimento da experimentação prática do jogo.
- (B) entender, interpretar e explicar a realidade social.
- (C) fazer exercícios corporais independentemente do saber da cultura social.
- (D) vivenciar, especializar e competir em uma ou mais modalidades esportivas.

REDAÇÃO

Instruções

A prova de redação apresenta duas propostas de construção textual. Para produzir o seu texto, você deve escolher um dos gêneros indicados abaixo:

A – artigo de opinião

B – carta de leitor

O tema é único para os dois gêneros e deve ser desenvolvido segundo a proposta escolhida. A fuga ao tema anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases sem que essa transcrição esteja a serviço do seu texto.

Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

Tema:

A linguagem na construção das identidades e das diferenças

Coletânea

1 [...] As palavras vêm sempre de um já-dito na fala do outro: “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentável’” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Por ser atravessado e habitado pelo Outro, o sujeito está inscrito sócio-historicamente e, embora tente camuflar a heterogeneidade que o constitui, é “atravessado pelo inconsciente e, por isso mesmo, impossibilitado de se reconhecer e de reconhecer o outro, já que é fragmentado, esfacelado, emergindo apenas pontualmente pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos” (CORACINI, 1999, p. 11). [...] As identificações não existem em si mesmas, elas são incessantemente (re)construídas por meio da diferença, por meio da relação com o outro e emergem apenas por momentos, pela porosidade da linguagem. [...] a identificação constrói-se na heterogeneidade, no esfacelamento, na dispersão das múltiplas vozes *costuradas* e *suturadas* constantemente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, embora as cicatrizes que ficam se imbriquem de tal modo que nossas identificações são continuamente deslocadas pela inefável presença de discursos outros.

ECKERT-HOFF, Beatriz. Processo de identificação do sujeito-professor de língua materna: a costura e a sutura dos fios. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 271-275.

2 Inicialmente, as gírias ligam-se a atividades marginais, de baixo prestígio, muitas vezes escusas e sempre mais desvalorizadas quanto à norma culta. Várias nascem entre os jovens, e entre eles perambulam até ser substituídas, extintas ou incorporadas à linguagem comum, quando tomam, com propriedade, lugar de destaque – preferidas, não raramente, em vez de outras já consagradas. A maioria dos grupos sociais desenvolve termos ou expressões particulares a seu universo. Tais termos são uma espécie de especialização da linguagem. Isto é, especificam uma idéia a ser transmitida dentro de um conjunto e para um grupo. [...] O estigma das expressões particulares de determinado grupo social é tão marcante que seus próprios integrantes chegam a negá-las quando em ambientes estranhos ao seu. [...] “Se hoje se empregam mais gírias é porque hoje a agressividade natural desse vocábulo corresponde melhor ao clima de agressão às instituições tradicionais e porque hoje se reconhece nesse fenômeno vocabular uma fonte muito importante de criatividade do léxico popular”, é o comentário do professor de Português da USP Dino Pretti, citado por Lea Poiano Stella em sua tese *Ta Tudo Dominado: a Gíria das Prisões* (PUC-SP, 2003).

SEGURA, L. Fita sinistra. *Discutindo língua portuguesa*. Ano 2. n. 7. São Paulo: Escala Educacional, 2007. p. 35.

3 De um lado, é verdade que a linguagem modela sentimentos e emoções. Se alguém sempre ouviu certos termos ou expressões, como *negro*, *bicha* ou *coisa de mulher*, ditos com desdém ou com raiva, certamente vai reproduzir uma atitude machista ou racista. Portanto, usar uma linguagem não marcada por fortes conotações pejorativas é um meio de diminuir comportamentos discriminatórios. Por outro lado, o cuidado excessivo na busca de eufemismos para designar certos grupos sociais revela a existência de preconceitos arraigados na própria sociedade. Se assim não fosse, poder-se-ia empregar, sem nenhum problema, por exemplo, o vocábulo *negro*, sem precisar recorrer à expressão *afro-descendente*. Isso significa que não basta mudar a linguagem para que a discriminação deixe de existir. Além disso, os defensores da linguagem politicamente correta acreditam que existam termos neutros ou objetivos, o que absolutamente não é verdade. Todas as palavras, ensina o estudioso da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975), são assinaladas por uma apreciação social. [...].

FIORIN, J. L. As palavras certas para um mundo melhor. *Discutindo língua portuguesa*. Ano 1. n. 2. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p. 17.

4 Chamar de gordo é ofensa? Site de Época bate recorde de comentários com crônica sobre episódio ocorrido no Rio de Janeiro – a capital brasileira com mais habitantes acima do peso.

Gordura é, cada vez mais, um assunto de saúde. Está comprovada sua influência em doenças respiratórias e cardiovasculares e no desenvolvimento do diabetes. Os gordos, porém, não sofrem só com o desconforto, o colesterol e as dietas. Sofrem com o preconceito. Na semana passada uma mulher de 54 anos e 108 quilos provocou mais de 900 comentários no site de ÉPOCA. O nome dela é Mônica Beraba, carioca, secretária, desempregada. O episódio que ela viveu, no Bar Jobi, templo dos petiscos e da boemia carioca no bairro do Leblon, envolveu ainda duas clientes e um policial em seu primeiro dia de serviço na zona sul. Chamada repetidas vezes de “gorda” por duas moças na mesa ao lado em tom de chacota, a cada vez que pedia um prato ou uma bebida, Mônica achou que era demais ser ridicularizada publicamente. Chamou a polícia e perguntou ao policial armado de metralhadora: “Se eu chamar o garçom de preto, vou presa por racismo; podem me chamar de gorda em tom pejorativo?”. O cabo Cunha não conseguiu que as testemunhas se dispusessem a depor, mas foi delicado e sugeriu a Mônica que, da próxima vez que debochassem dela, respondesse “sou gorda, mas sou feliz”. [...]. Na redação de ÉPOCA, nós nos perguntamos por que o tema havia despertado tanto interesse e paixão. Foi a gordura, numa sociedade que cultua a magreza? Foi a coragem de se expor e exigir retratação numa sociedade passiva diante de tantos escândalos impunes? Foi a denúncia do preconceito que deprime tanta gente, numa sociedade que não aceita ser chamada de preconceituosa? Foi tudo isso junto, talvez. [...].

AQUINO, R. de. *Época*. São Paulo: Globo. 19 mar 2007. p. 110-111.

5 Por trás da crise está a luta de classes

[...]. E o último sinal dessa despolitização é o que eu chamo a despolitização da fala presidencial. A comunicação se fez sob a lógica do *marketing*, e não do direito à informação. Para quem, como eu, acompanhou a vida política do Lula, viu não só em 1978 mas no correr dos anos a capacidade analítica, a argúcia, a presteza na compreensão, a intuição do todo, a palavra exata na hora exata. Um político desses não precisa de marqueteiro! O que é que o marqueteiro fez? Destruiu o discurso político desse sujeito político, que por isso passou a ter um discurso da vida privada, pueril, moralista, populista, foi um desastre. Porque ele se apropriou de uma máscara discursiva que é a negação da capacidade de pensamento e de linguagem que ele tem. [...] Porque uma coisa é você dizer: “No capitalismo tudo é mercadoria, portanto os meios de comunicação são a mercadoria e a notícia é mercadoria, o jornalista é mercadoria”. Outra coisa é você ter uma estrutura de tipo orwelliana em que você produz o fato. E produz o fato não porque tenha minimamente um compromisso social, um compromisso político que diz para você: “Eu preciso fazer isso”. Não: você produz o fato, porque você vende o fato. [...] Então, o grau da manipulação ultrapassa tudo o que eu tinha pensado a respeito da publicidade, do *marketing*. É a realização efetiva, na minha opinião, de uma atividade fascista [...].

CHAUÍ, M. *Caros Amigos*. Entrevista Marilena Chauí. São Paulo. Ano IX. N. 104. Nov 2005. p. 33-37.

6 Em entrevista à Folha de S. Paulo, o psicanalista Tales Ab’Saber responde a uma questão sobre preconceito e futebol: “do mesmo modo que o esporte é sublimação da agressividade humana direta na esfera da linguagem do corpo – e o futebol contém em si, transmutada como um objeto-sonho, a história da batalha épica e da vitória difícil e desejada na guerra –, me parece evidente que o futebol é também um campo sublimado da homossexualidade masculina, um destino cultural específico do aspecto bissexual do homem. [...] Como o futebol pode degenerar rapidamente em pancadaria – porque em sua origem ele é violência transformada em jogo, civilização –, ele também tem que expulsar constantemente o homossexual de si, porque ele é o amor dos homens pelos homens, transformado em jogo e em razão eficaz e estética na forma do gol. [...] De boa fé, Ana Paula (auxiliar de árbitro punida por ter cometido um erro em um jogo da Copa do Brasil) desejou ser uma mulher no forte mundo homoerótico dos homens. Ela não era homossexual, não desejava ser homem. Quando entrava em campo, como uma mulher, para fazer a função abstrata do trabalho de auxiliar, punha em risco a estrutura do pacto inconsciente do grande grupo dos homens – que amam um Pelé, que amam um Raí e um Romário, entidades eróticas disfarçadas e elevadas à eficácia racional do gol e da vitória. O grande grupo masculino só podia concebê-la como mulher no lugar em que ela terminou [na capa da revista Playboy], no lugar social objetificado das mulheres. O futebol segue não-contaminado, as mulheres seguem controladas. Creio que esse é também o problema do lugar difícil do futebol feminino entre nós.

Folha de S.Paulo. São Paulo, 12 ago 2007. Caderno Mais. p. 4-5.

7 Filhos criam e desmontam suas versões sobre os pais

A construção e a desconstrução da figura paterna passa pelo olhar dos rebentos. De modelo a espelho, de super-herói a oponente, as descrições de pai mudam ao longo da vida, de acordo com o relato dos filhos.

Para pensar durante o almoço de hoje: se tivesse de descrever seu pai ao longo da vida, quantas versões ele teria? Na infância, costumamos pintá-los com cores e poderes de super-herói. Com as primeiras espinhas, vêm também as primeiras discussões. A admiração incondicional cede lugar ao confronto de idéias, gostos, objetivos. Autonomia financeira conquistada, a jornada segue sem a diligência do pai. A ânsia pela independência que acompanhou as espinhas se transforma em saudade, mas o turbilhão da vida adulta lhe toma até o tempo de sentir – por vezes, até de telefonar. Ainda que relute, chega o dia em que alguém te chama de pai. Então o mundo muda, você muda e, de repente, ele também mudou. De modelo passou a espelho, e você se vê repetindo com os seus o que ele fazia quando te chamava de meu. [...]. “Como dizia Jacques Lacan, é necessário servir-se do pai para poder prescindir dele”, lembra o psiquiatra e psicanalista Ariel Bogochvol, 49, da USP. “O pai é uma referência necessária, um elemento simbólico que ao mesmo tempo constrói valores como herança. Para que o filho crie sua própria autoria.”

OLIVEIRA, R. *Folha de S.Paulo*, 12 ago 2007. Cotidiano. C4

- 8 [...]. Assim, estruturas sociais e agentes individuais se alimentam continuamente numa engrenagem de caráter conservador. É o caso da maneira como cada um lida com a linguagem. Tudo que a envolve – correção gramatical, sotaque, habilidade no uso de palavras e construções etc. – está fortemente relacionado à posição social de quem fala e à função de ratificar a ordem estabelecida.

BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: o pesquisador da desigualdade. *Nova Escola: grandes pensadores*. Vol. 2. Edição Especial, n. 10. São Paulo: Abril Editora. Agosto, 2006. p. 61.

- 9 [...]. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. [...].

SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- 10 [...] Mas o que é afinal a velhice? Vemos florescer, mesmo nas fileiras dos feminismos, os "grupos de jovens", face às feministas "clássicas", tradicionais, "idosas", velhas, enfim. O que faz a coerência dos grupos de "jovens"? Quais são seus limites, seus objetivos, seus laços? Como a idade pode determinar o pertencimento, senão em um mundo traçado, estabelecido, definido, onde os gostos e preferências se estabelecem segundo a publicidade, a propaganda, avatar último de uma globalização avassaladora em marcha? E quais são os detalhes sutis que colocam alguém, inexoravelmente, entre as "velhas"? A terceira idade começa aos 30 ou 31 ou 42 ou 54? E a quarta idade e a quinta? Qual é a ruga ou a quantidade de cabelos brancos que determinam essa passagem? [...] "Velhice", "juventude", mais uma vez a linguagem nos molda em palavras generalizantes, que fingem ter um sentido único, lá onde há apenas dispersão, como bem apontou Foucault (1971). Mais uma identidade ilusória que define o humano para melhor hierarquizá-lo, cindi-lo, criando separações e exclusões. É assim tão difícil perceber as linhas de poder que sustentam as oposições binárias? Na formação de grupos, cujos limites criam as margens os marginais? [...].

SWAIN, T. N. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: RAGO, M.; VEIGA NETO, A. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 264-265.

Propostas de redação**A – ARTIGO DE OPINIÃO**

O *artigo de opinião* é um texto escrito para ser publicado em jornais e revistas e traz reflexões a respeito de um tema atual de interesse do grande público. Nesse gênero, o autor desenvolve um ponto de vista a respeito do tema com argumentos sustentados por informações e opiniões que se complementam ou se opõem.

Escreva um artigo de opinião para um jornal local, discutindo a relação entre linguagem e a construção das identidades e das diferenças. Defenda seu ponto de vista utilizando argumentos que o sustentem e/ou refutem outros pontos de vista, levando em conta a estabilidade e a instabilidade das identidades.

B – CARTA DE LEITOR

A *carta de leitor* é um texto persuasivo que manifesta a opinião do leitor sobre assuntos publicados em jornais ou revistas. Nesse gênero, o leitor pode se dirigir ao editor (representante da revista ou jornal), quando não há interesse em direcionar ou particularizar os comentários, ou ao autor da matéria publicada, quando o seu nome é revelado.

Escreva uma carta de leitor para uma revista de circulação nacional, discutindo questões que envolvam a linguagem e a construção das identidades e das diferenças. Coloque-se como pertencente a um determinado grupo (jovem, idoso(a), mulher, pai, jogador(a) de futebol, presidiário(a) etc.) e produza sua carta como uma resposta à revista e à sociedade em geral. Você deverá convencer a revista e seus leitores de que as identidades e as diferenças são construções sociais, históricas, ideológicas, etc. Discuta o papel da linguagem nessa construção, apresentando argumentos que sustentem seu ponto de vista e possam persuadir o leitor a aceitá-lo.

ATENÇÃO: Você não deve identificar-se, ou seja você deve assumir o papel de um leitor fictício.

